

Feminismo e projeto decoloniais: ferramentas críticas para repensar o veganismo.

Decolonial Feminism and Project: critical tools to rethink Veganism.

Feminismo y Proyecto Decoloniales: herramientas críticas para repensar el Veganismo.

Martina Davidson¹

Resumo: O Veganismo (de “v” maiúscula, ou seja, aquele mais difundido) teve origem em 1944 no coração da Inglaterra e, por conseguinte, carrega uma série de marcas colonizatórias. Desta forma, a importação de suas práticas para o Sul global resulta num Veganismo intraduzível para as minorias políticas, fato que prejudica, inclusive, os próprios animais não humanos. Desta forma, assim como os feminismos decoloniais, negros e lésbicos realizaram críticas ao feminismo hegemônico europeu, acredita-se, neste trabalho, que este ferramental crítico serve como munição analítica para fazer o mesmo com tal Veganismo, de forma a conduzir rumo a conceitos destituídos de uma marca colonizatória. Assim, será possível, potencialmente, dialogar com as minorias políticas e movimentos sociais, criando veganismos acessíveis, antiopressão e interseccionais.

Palavras-chave: Veganismo; Feminismo Decolonial; Projeto Decolonial; Interseccionalidade.

Abstract: Veganism (with a capital “v”, that is, the most widespread kind) was originated in 1944 in the heart of England and, therefore, that carries a series of colonizing marks. In this way, the importation of its practices into the global South results in an untranslatable Veganism for political minorities, a fact that harms even non-human animals. Thus, just as decolonial, black and lesbian feminisms criticized European hegemonic feminism, it is believed in this work that this critical tooling serves as analytical ammunition to do the same with such Veganism, in order to lead towards erasing the colonizatory mark of its concept – and practice? Thus, it will be possible, potentially, to dialogue with political minorities and social movements, creating accessible, anti-oppression and intersectional veganisms.

Keywords: Veganism; Decolonial Feminism; Decolonial Project; Intersectionality.

Resumen: El Veganismo (con “v” mayúscula, es decir, el más extendido) se originó en 1944 en el corazón de Inglaterra y, por lo tanto, lleva una serie de marcas colonizadoras. De esta manera, la importación de sus prácticas al Sur global resulta en un Veganismo intraducible para las minorías políticas, hecho que perjudica incluso a los propios animales no humanos. Así, de la misma manera cómo los feminismos decoloniales, negros y lésbicos criticaron al feminismo hegemónico europeo, se cree, en este trabajo, que esta herramienta crítica sirve como munición analítica para hacer lo mismo con tal Veganismo, con el fin de conducir hacia conceptos desposeídos de una marca colonizadora. Únicamente de esta forma será posible, potencialmente, dialogar con minorías políticas y movimientos sociales, creando veganismos accesibles, anti-opresión e interseccionales.

Palabras llave: Veganismo; Feminismo decolonial; Proyecto Decolonial; Interseccionalidad.

¹ Mestra em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS, UFF). Doutoranda Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS, UFRJ), Brasil, RJ, Rio de Janeiro.



Aqueles que detém o poder precisam viver com medo. Com medo do povo. Apresento a vocês as personagens principais deste capítulo: o poder, a coragem, o riso, a alegria, os valores e o risco. As personagens principais também podem ser a inspiração, a justiça, a luta, os hereges, as bruxas, a dignidade, a fé, as máscaras e as travessuras.²

Diante de um Veganismo que gira ao redor da sociedade de consumo e, portanto, incapaz de ser lido como algo de fato contracultural³, de resistência política e até mesmo acessível ou representante de minorias políticas, repensar o Veganismo a partir de outro lugar, a partir das margens, torna-se importante e interessante para todas as minorias políticas envolvidas. Diz-se “para todas as minorias políticas envolvidas” uma vez que os animais não humanos serão beneficiados com a adesão da pauta antiespecista à luta dos movimentos sociais existentes e os animais humanos terão acesso a um Movimento Vegano conceitualizado que não os oprima e que busque, também, sua libertação. Se trataria, então, de uma força social capaz de, através do veganismo enquanto formador de pauta, compor o panorama maior da justiça, abrangendo os campos da ética e política.

Tais veganismos e movimentos já existem. Eles acontecem e se materializam fora da academia, em iniciativas como o “Movimento Afro Vegano”⁴, grupos/des-organizações *veganarquistas*⁵ e muitas outras organizações, pessoas, coletivas e coletivos, grupos e movimentos. Fazer esse reconhecimento é alocar este trabalho numa tentativa de desenvolver um conceito de veganismo que acompanhe essas incríveis iniciativas e grupos, mas não que busque pautar a luta desses veganismos que já se materializam fenomenologicamente. Desta forma, nota-se que é pretendido o reconhecimento constante da importância da militância horizontal e alternativa para a luta antiespecista comprometida com a antiopressão.

² Tolonikova, Nadya. *Um guia pussy riot para o ativismo*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

³ A contracultura é um movimento de contestação sociocultural, de oposição à cultura, padrões estéticos, valores, tradições e costumes impostos pela sociedade contemporânea capitalista. É uma forma de expressar o inconformismo com o *status quo*, uma busca por mudanças através do questionamento e da crítica à sociedade atual, caracterizada pelo consumismo, individualismo e egocentrismo. Anarchist Library. “Rethinking choices.” *The anarchist library*. 2019. The anarchist library. Web. 27 feb. 2019.

⁴ Segundo o seu Instagram – <https://www.instagram.com/movimentoafrovegano> – e Facebook - <https://www.facebook.com/MovimentoAfroVegano/> -, o objetivo do movimento é o de “Combater o racismo e especismo”. Com variadas membras e membros que divulgam conteúdos diversos (acerca da interseção entre raça e veganismo), o movimento em questão organiza *lives* com discussões de distintos temas, eventos (incluindo a difusão do empreendedorismo negro e vegano, mas indo além, através de rodas de conversa, alimentação ancestral africana, etc.) e promove reflexões únicas e singulares no Brasil, provocando reações diversas e revolucionárias.

⁵ Como a ALF (em inglês Animal Liberation Front e em português, Frente de Libertação Animal), por exemplo. Trata-se de um grupo de militante dos antiespecistas abolicionistas que usam a ação direta para libertá-los, incluindo resgates de instalações e sabotagens, como modo de protesto e boicote econômico à experimentação em animais, o uso de animais como roupa, alimento ou outras indústrias baseadas na exploração de animais. Qualquer ação direta que promova libertação animal e que “toma toda precaução razoável para não pôr em perigo vidas de animais (humanos ou não)” pode ser reivindicada como feita pela FLA, enquanto seja consistente com os outros objetivos da organização. As diretrizes do ALF são: libertar os animais dos locais de abuso, ou seja, laboratórios, fazendas industriais, fazendas de peles, etc., e colocá-los em boas casas onde possam viver suas vidas naturalmente, livres de sofrimento; infligir danos econômicos àqueles que lucram com a miséria e a exploração de animais; revelar o horror e as atrocidades cometidas contra os animais por trás de portas trancadas, por meio da realização de ações diretas não-violentas e liberações; tomar todas as precauções necessárias para não ferir qualquer animal, humano ou não humano e analisar as ramificações de qualquer ação proposta e nunca aplicar generalizações quando informações específicas estiverem disponíveis.

Cada vez mais tem-se falado da necessidade de utilização de referenciais teóricos para além da caixinha da “Ética Animal”⁶. Isso não significa um abandono, mas sim a transposição dos limites, de forma a redesenhá-los para que vozes historicamente silenciadas sejam de fato ouvidas. Não apenas Peter Singer e Tom Regan falam sobre “Ética Animal”. As epistemologias feministas, negras e decoloniais também o fazem, mesmo que de forma indireta ou a partir e através de ferramentas diferentes. O objetivo desta parte é, justamente, visibilizar esses outros aportes teóricos capazes de conduzir a uma defesa mais consistente dos veganismos.

A crítica decolonial e a clama pela interseccionalidade – que já é uma crítica, em si, à linearidade e singularidade do feminismo hegemônico- empregadas na desconstrução do feminismo europeu como narrativa única, pode nos ajudar a fazer o mesmo para o caso do Veganismo. Ou seja, essas críticas, argumentos, ferramentas e novas construções podem nos guiar na crítica ao Veganismo e na formulação de um conceito capaz de conter, pretensiosamente, os veganismos interseccionais e decoloniais que já existem ou se pretendem enquanto projetos.

Para desconstruir e reconstruir um conceito de veganismo diferente, será necessário passar por pontos essenciais de análise e crítica. Esses pontos serão atravessados pelas obras e ideias de feministas decoloniais e interseccionais e se organizarão em subcapítulos, conforme exposto a seguir: Raça e Veganismo; e Gênero, Orientação Sexual e Veganismo. Antes disso, no entanto, é importante delimitar o que será entendido, nesta dissertação, enquanto feminismo decolonial e suas possíveis conexões com o Veganismo.

1. Feminismo e Projeto Decoloniais

Segundo Ochy Curiel^{7 8}, as diversas propostas decoloniais são fonte crítica para o entendimento das especificidades histórica e política das nossas sociedades a partir de paradigmas não dominantes, demonstrando as relações entre modernidade ocidental, colonialismo e capitalismo. Tudo isso permite a realização de questionamentos acerca das narrativas da historiografia oficial e a evidência de como se configuraram muitas das hierarquias sociais.

Mais que isso,

o feminismo decolonial [...] oferece uma nova perspectiva de análise para entender de forma mais completa as relações derivadas de “raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica de forma imbricada. Essas propostas feitas fundamentalmente por feministas indígenas e de

⁶ Ko, Aph. *Racism as Zoological Witchcraft: A Guide to Getting Out*. Herndon: Lantern Publishing & Media, 2019.

⁷ Curiel uma teórica feminista, cantora e antropóloga social afro-dominicana. Ela é conhecida por ajudar a estabelecer o movimento de mulheres afro-caribenhas e afirmar que o lesbianismo não é uma identidade, orientação ou preferência sexual, mas, ao invés, uma posição política.

⁸ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

origem indígena, afros, populares, lésbicas feministas, entre outras, questionam as maneiras em que os feminismos hegemônico, branco, branco-mestiço e com seus privilégios de classe entenderam a subordinação de mulheres desde suas próprias experiências situadas em reproduções do racismo, o classicismo e o heterossexismo em suas teorias e classes políticas.⁹

Assim, considera-se aqui o feminismo decolonial como o conceito de origem naquilo proposto por María Lugones¹⁰ em 2008, ou seja, como uma resposta crítica ao feminismo hegemônico europeu por parte das mulheres subalternizadas não contempladas pelo mesmo. Tal feminismo teria sido criado, segundo a autora, a partir das críticas feministas realizadas pelo feminismos negros, pelas mulheres de cor, as *chicanas*, pelas mulheres de origem popular, pelas feministas indígenas, pelas feministas lésbicas ao feminismo hegemônico no que diz respeito à sua universalização do conceito de mulher e, com isso, seu viés racista, classista e *heterocêntrico*^{11 12}. Além disso, segundo Curiel¹³ o feminismo decolonial também tem grande parte de sua origem na proposta do projeto decolonial de forma geral, projeto teórico desenvolvido por diversos autores latino-americanos e caribenhos, tais como Anibal Quijano, Enrique Dussel, Walter Mignolo, entre outros.

Realmente existem várias questões importantes que o feminismo decolonial retoma do projeto decolonial, como o próprio conceito de “decolonialidade”. Esse conceito advém da noção de que, mesmo com o fim do colonialismo enquanto constituição geopolítica e histórica da modernidade Ocidental, não ocorreu o fim da hierarquização étnico-racial ou a divisão entre Estados periféricos e centrais¹⁴. O que aconteceu foi justamente o inverso, ou seja, a transição do colonialismo moderno à um regime de colonialidade global contemporâneo. Segundo Enrique Dussel¹⁵, o termo “decolonial” implica reconhecer de forma diferente as relações globais e locais através do entendimento de que modernidade ocidental europeia, o colonialismo e o Capitalismo mundial são “uma trilogia inseparável”.

⁹ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018. p. 32.

¹⁰ Foi uma socióloga, professora, feminista e ativista argentina, radicada nos Estados Unidos (faleceu em 2020, aos 76 anos). Estudava e teorizava sobre as variadas formas de resistência de várias formas de opressão. É conhecida por sua teoria dos *eus múltiplos*, seu trabalho com feminismo e o desenvolvimento de “colonização do gênero” que defende que gênero é uma imposição colonial.

¹¹ Espinosa-Miñoso, Yuderky; Gomez, Diana; Lugones, María; Ochoa, Karina. Reflexiones Pedagógicas en torno al Feminismo Descolonial: una conversa en cuatro voces. En WALSH, Catherine. (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Quito - Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

¹² É uma filósofa, escritora e pesquisadora feminista, antirracista e decolonial da República Dominicana. É conhecida por seus textos críticos contra os feminismos ocidentais, eurocêntricos e heteronormativos. Ela se define como ativista, antes do enquanto acadêmica.

¹³ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ Dussel, Enrique. “Six Theses toward a critique of political reason: The citizen as political agent of justice in the community”. *Radical Philosophy Review (Boston)* Vol.2, 2. 1999.

O Continente Americano é uma invenção da modernidade, uma vez que constitui-se enquanto periferia, por intermédio do colonialismo, para que a Europa se torne o centro do mundo e o Capitalismo adquira dimensões mundiais¹⁶. Assim, a partir dessa relação entre modernidade ocidental, colonialismo e Capitalismo mundial, define-se um padrão global de poder, definido por Aníbal Quijano¹⁷ como “colonialidade do poder” – outro conceito resgatado pelo feminismo decolonial.

Segundo Curiel¹⁸ a colonialidade do poder significou

[...] relações sociais de exploração/dominação/conflito em torno da disputa pelo controle e pela dominação do trabalho e seus produtos, da natureza e seus recursos de produção, do sexo e seus produtos, da reprodução da espécie, da subjetividade e seus produtos, dos materiais e intersubjetividades, incluindo o conhecimento, a autoridade e os seus instrumentos de coerção.¹⁹

Para Quijano²⁰ esse padrão mundial se sustentou ao redor da ideia de “raça”²¹ – impulsionando a *racialização* e classificação étnica/racial: índios, negros, amarelos, brancos, etc. – e de uma classificação geográfica-cultural – América, África, Oriente, Ásia, Europa, etc. Lugones²² usa a análise de Quijano como ponto de partida, mas aponta que a raça e a localização geográfica não são os únicos determinantes na colonialidade do poder, introduzindo o gênero e *generificação/gendrificação* como categoria de análise, assim como, por consequência, a heterossexualidade.

Em contrapartida, Lugones²³ aponta a hiperbiologização do sexo²⁴ feita por Quijano em sua teoria de projeto decolonial. Lugones²⁵ considera que Quijano apresenta um cenário colonial em que a disputa pelo controle sexual é uma disputa realizada entre homens pelo controle sobre a sexualidade da mulher. Desta forma, para a autora, na análise de Quijano a própria masculinidade não é pensada enquanto um recurso sexual, assim como a mulher não é pensada enquanto sujeito nessa disputa pelos supostos recursos sexuais.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Quijano, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina In: Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.

¹⁸ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

¹⁹ Ibidem, p. 39.

²⁰ Quijano, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina In: Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.

²¹ Usado entre aspas em função da tese do autor, que sugere a raça como categoria criada pelo processo de colonização para a subalternização e opressão de pessoas de cor por parte dos Europeus.

²² Lugones, María. Colonialidad y género. 76. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9 2008.

²³ Ibidem.

²⁴ Já que Quijano pensa o sexo como um atributo biológico que só passa a ser uma categoria social quando o recurso é utilizado pelo colonizador. Quijano, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina In: Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.

²⁵ Ibidem.

Assim, Lugones²⁶ aponta que Quijano não problematiza os pressupostos que definem os próprios conceitos de gênero e sexualidade, para ele definidos apenas através do dimorfismo sexual²⁷. A autora²⁸ aponta que o gênero não é apenas algo definido a partir de fatores biológicos, mas sim a partir de discursos dicotômicos categorizantes fruto do processo de colonização. Mais que isso, para Lugones, a divisão binária entre os gêneros e a heterossexualidade como regra ou norma se trata de um fenômeno moderno localizado enquanto forma de materialização do poder colonial.

Assim, segundo Curiel²⁹, a autora analisa o gênero enquanto uma categoria moderna e colonial que

[...] tem a ver com um tipo de relacionamento humano reservado ao homem branco europeu possuidor de direitos e a sua companheira, que serve ao propósito de sua reprodução como espécie. [...] o tipo de diferenciação que é aplicado aos povos colonizados e escravizados é o de dimorfismo sexual masculino e feminino, que dá conta da capacidade reprodutiva e da sexualidade animal: as fêmeas escravizadas não eram mulheres.³⁰

Isso, por sua vez, está conectado ao conceito de “colonialidade do ser” proposto por Nelson Maldonado Torres³¹, e que também ocupa um lugar de alta importância no feminismo decolonial. Esse conceito supõe a negação da humanidade a certas populações racializadas – em especial indígenas e negros -, principalmente por serem consideradas obstáculos para a cristianização e modernização. Essa negação da humanidade e, logo, também, da moralidade, “foi justificativa para escravizá-los, tirar suas terras, fazer guerras contra eles e assassiná-los”³²

A modernidade ocidental eurocentrada, no entanto, não parou na colonialidade do poder e do ser, também gerou a “colonialidade do saber”, conceito muitíssimo importante para o feminismo decolonial³³. A colonialidade do saber é o reconhecimento de uma única racionalidade técnico-científica

²⁶ Ibidem.

²⁷ Que nem é real em termos biológicos, basta incluir no debate a própria e importantíssima questão da intersexualidade. A intersexualidade é o termo comumente usado para designar uma variedade de condições em que uma pessoa nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino. Para maiores informações, visitar a Associação Brasileira de Intersexos (@abraintersexo no Instagram).

²⁸ Ibidem.

²⁹ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

³⁰ Ibidem, p. 39.

³¹ Maldonado-Torres, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2017, p. 71-114.

³² Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018. p. 40.

³³ Lander. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Perspectivas latino-americanas. Caracas: Clacso, 2000. p. 201-245.

e epistemológica como modelo válido de produção de conhecimento³⁴. Esse conhecimento, segundo Santiago Castro Gómez³⁵, deve ser não apenas neutro, mas objetivo, universal e positivo.

É a partir de uma narrativa única universal que o Norte-Global (porque posteriormente os Estados Unidos e seus indivíduos influentes se deslocaram à centralidade europeia) culmina no movimento temporal do saber, ignorando, invisibilizando, silenciando e assassinando epistemes de populações subalternizadas. E essas populações subalternizadas são compostas por todos aqueles que não são homens cis, heterossexuais, pais, católicos, letrados, com privilégios de raça e classe³⁶.

No entanto, o que vem acontecendo no campo do saber é que algumas mulheres, principalmente as brancas, privilegiadas e *cisheterossexuais*, conseguiram adquirir esses privilégios de produção de conhecimento. E, para essas mulheres, é

essa ‘outredade’ que deve ser estudada, investigada, exotizada, explorada, desenvolvida e sofrer intervenções. A colonialidade do poder, do ser e do conhecimento, portanto, é o lado sombrio da modernidade, dessa modernidade ocidental em que surge o feminismo como proposta emancipatória supostamente para “todas” as mulheres.³⁷

Nota-se que, além de usar da questão universal de “todas as mulheres” como forma de emancipação feminista, o feminismo hegemônico se coloca como um herói intervencionista nas populações das mulheres de terceiro mundo, subalternizadas, ou aquelas que de forma de geral, aos olhos dessas teóricas, não estão produzindo esse conhecimento. É como se dissesse “temos a cura para todos os seus problemas”, mesmo sem nem saber todos os problemas daquelas para quem fala³⁸.

Para Espinosa-Miñoso, o feminismo decolonial é “um movimento em pleno crescimento e amadurecimento que reivindica ser revisionista da teoria e da proposta política do feminismo, dado que considera seu viés ocidental, branco, hétero e burguês”³⁹.

A partir da leitura de Espinosa-Miñoso⁴⁰ somos capazes de problematizar a universalização da subordinação das mulheres baseada apenas na categoria de gênero – e por conceitos como patri-

³⁴ Ibidem.

³⁵ Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón. Prólogo: giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: Castro-Gomez, Santiago; Gosfoguel, Ramón (comp). *El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007.

³⁶ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

³⁷ Espinosa-Miñoso, Yuderky; Gomez, Diana; Lugones, María; Ochoa, Karina. Reflexiones Pedagógicas en torno al Feminismo Descolonial: una conversa en cuatro voces. En WALSH, Catherine. (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Quito - Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.p. 9.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem, p. 8.

⁴⁰ Ibidem.

arcado, mulheres, divisão sexual do trabalho -, uma vez que esse pensamento não considera as especificidades vivenciadas por mulheres afetadas pelo racismo, *classismo*, *cisheteronormatividade* ou geopolítica.

Portanto, o sistema de gênero/moderno/colonial⁴¹ teve efeitos nas formas em que interpretamos, teorizamos e investigamos o mundo, muitas vezes levando a reprodução do racismo e da colonialidade.

1.2. Qual a relação que o Veganismo pode ter com o Feminismo e Projetos Decoloniais?

O Veganismo amplamente difundido gira ao redor da sociedade de consumo e, por isso, tende a reproduzir uma série de opressões direcionadas a minorias políticas, além de, como demonstrado, não necessariamente se comprometer de fato com uma luta que garanta a libertação animal concreta.

Focando nesse Veganismo, considerando sua origem, seus protagonistas iniciais e atuais (e suas preocupações) e pela sua manifestação fenomenológica enquanto parte do Capitalismo, concluímos que: ele possui raça – que é branca; gênero e sexualidade – que é *cisheteronormativo* e *masculinista*; uma classe – que é alta ou média; e uma marca colonizatória – dado sua origem e falta de mudanças desde então. A difusão desse Veganismo como conhecimento único e verdadeiro, além de neutro, parece ter relação direta com a colonialidade do saber desenvolvida na seção anterior. Isto por que sua produção carrega características iguais ou muito parecidas à dos indivíduos do Norte-Global que são os responsáveis pela produção do conhecimento como único referencial válido.

No caso da colonialidade do saber apresentada, afirmamos que a narrativa única é capaz de produzir conhecimento e através desse processo, acaba por ignorar, invisibilizar, silenciar e assassinar epistemes de populações subalternizadas – caracterizadas como quaisquer indivíduos divergentes das categorias identitárias daqueles que estão a produzir conteúdo. No caso do Veganismo, não há porque ser diferente, sob diversas frentes.

Primeiramente, o Veganismo também tende a colocar-se como um herói intervencionista, buscando agir de forma universal sobre todas as parcelas populacionais sem se preocupar com especificidades atreladas à gênero, raça, orientação sexual ou identidade de gênero, classe social ou geolocalização. Diz-se “herói intervencionista” não apenas porque o Veganismo chega enquanto imposição pré-determinada – e não a ser construída -, mas também porque muitas vezes assume a mentalidade de querer tirar a população “das sombras” através do conhecimento Vegano – “venha comigo que irei lhe mostrar a verdade” (ver Imagem 1).

⁴¹ Lugones, María. Colonialidad y género. 76. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9 2008. p. 9.



Imagem 1. Imagem de ativistas do grupo “*Anonymous for The Voiceless*” segurando cartazes com a palavra “verdade”. Seu ativismo consiste em mostrar imagens de animais sendo explorados e torturados em espaços públicos para chocar os transeuntes⁴².

Em segundo lugar, porque o Veganismo branco, burguês, cis-hétero, masculinista e classista não dialogará com as populações subalternizadas da mesma forma que o feminismo europeu, branco, burguês, hétero e ocidental não o faz com as mulheres subalternizadas (crítica de Espinosa-Miñoso⁴³). E, quando o Veganismo não dialoga com essas pessoas, o sistema estrutural interconectado de opressões⁴⁴ se fortalece e todos perdem, inclusive animais não humanos, que são o foco da luta antiespecista. Isto porque a pauta da opressão animal seria cada vez mais afastada pelas minorias políticas, assim como continuaria havendo um fortalecimento da estrutura Capitalista que apenas reforça e mantém a lógica especista – e opressiva. Sem um comprometimento com uma postura ético-política, é isto o que continuará acontecendo.

Se quisermos a libertação animal, o fim do especismo, um mundo justo e livre de opressões, precisamos do comprometimento com uma perspectiva ética capaz de se inserir em um projeto decolonial. Este é o caso da Perspectiva dos Funcionamentos. Dias argumenta

Ao focar em indivíduos existentes, mais especificamente, nos funcionamentos, capacidades, realizações e demandas próprias de cada indivíduos, a Perspectiva dos Funcionamentos não pode prescindir de uma investigação empírica acerca das demandas geradas pelos diversos grupos e/ou indivíduos e o ambiente sociocultural no qual tais demandas são geradas. Desta forma, a Pdf [Perspectiva dos Funcionamentos] assume o olhar de uma perspectiva ecofeminista decolonial.⁴⁵

⁴² *Anonymous for the Voiceless*. Disponível em: < <https://www.anonymousforthevoiceless.org/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

⁴³ Espinosa-Miñoso, Yuderky; Gomez, Diana; Lugones, María; Ochoa, Karina. Reflexiones Pedagógicas en torno al Feminismo Descolonial: una conversa en cuatro voces. En WALSH, Catherine. (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Quito - Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

⁴⁴ Walker, Alice. coming apart. in: __. *you can't keep a good woman down*. San Diego: Harverst, 1979. p. 41-53

⁴⁵ Dias, Maria Clara; Soares, Suane; Gonçalves, Letícia. A perspectiva dos funcionamentos: entroncamentos entre o ecofeminismo e decolonialidades. In: Rosendo, Daniela. et. al. *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape'ku Editora, 2018.

Além disso, para alcançar a concepção de mundo apresentada acima, também é necessário, então, desconstruir esse Veganismo. Talvez criticá-lo substancialmente seja um bom ponto de partida.

1.3. Raça e Veganismo

Através do projeto decolonial e das críticas que originaram o feminismo decolonial somos capazes de identificar que a importação de um Veganismo com marca colonizatória para a América Latina simplesmente invisibiliza, silencia e exclui as particularidades raciais presentes no continente. Esse processo, que é o que vem acontecendo na ampla difusão do Veganismo (atrelado a sociedade de consumo), ignora os legados deixados pelo processo de colonização e as relações e epistemes pré-existentes ao mesmo. Trataremos, desta forma, primeiramente, do racismo direcionado aos povos originários da América Latina.

1.3.1. Povos originários da América Latina, colonização e Veganismo

Existe uma ampla variedade de etnias de povos originários na América Latina, todos englobados na categoria de “raça indígena” pelo processo de colonização. Vítimas de variados tipos de racismo, a população indígena latino-americana tem seus direitos altamente ameaçados por governos e corporações que não resguardam suas culturas ou direito à terra⁴⁶. Porém, como o Veganismo se enquadraria de forma relacional com os povos originários?

O Veganismo, por seu alinhamento e cooptação capitalista, soma-se ao discurso do desenvolvimento econômico neoliberal altamente violento, em diversos sentidos, com os povos originários da América Latina⁴⁷, sendo assim visto pelo público subalternizado como parte do projeto que oprime e não parte do projeto que liberta do racismo⁴⁸. É importante ressaltar que esse discurso econômico

trazido como fetiche pelo modelo neoliberal tem sido justificado pelo sistema como condição necessária para a promoção do conceito (ocidental) de bem-estar, cada vez mais baseado no consumo ilimitado de recursos naturais.⁴⁹

⁴⁶ Shiva, V. *Ecofeminism*. Zed Books: United States, 2000.

⁴⁷ Lacerda, Rosane Freire; Feitosa, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. In: *Revista Interterritórios*. V. 1. N. 1. (2015).

⁴⁸ O racismo consiste no preconceito e na discriminação com base em percepções sociais baseadas em diferenças biológicas de raças humanas. *Géledes*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/racismo/> Acesso em: 23 de set. 2020.

⁴⁹ Lacerda, Rosane Freire; Feitosa, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. In: *Revista Interterritórios*. V. 1. N. 1. (2015). p. 7.

Pablo Dávalos⁵⁰ analisa as fissuras decorrentes do discurso do desenvolvimento econômico neoliberal que afetam diferentemente os povos do Sul Global, dentre elas: (1) a fragmentação e separação do ser humano em relação à natureza, herança do modelo racional cartesiano; (2) ruptura com a história e cultura própria dos povos, dada a homogeneização/universalização populacional objetivada pelo Capitalismo; (3) a ruptura causada pela própria economia, na medida em que o lucro e crescimento econômico infinito importam mais que a desigualdade social; e (4) a ruptura causada pela colonização epistêmica, que impede, atualmente, que muitos povos originários enxerguem alternativas ao sistema Capitalista.

A sociedade Ocidental branca já parte, de fato, da separação racional entre homem e natureza⁵¹, entre ser humano e animal. A questão da colonialidade do ser será explorada mais adiante. Porém, não será a epistemologia branca, então, a que criou o especismo?

Segundo Eugenia Fraga⁵², os gregos concebiam a *polis* enquanto seu modelo de “cosmos” e hoje o Ocidente colonizado ou colonizador continua se baseando nessa noção (assim como na noção de *urbe*, desenvolvida pelo Império Romano) para criar uma dicotomia entre natureza e cultura/civilização. No entanto, Mignolo⁵³ indica que os povos originários muitas vezes escapam deste paradigma, citando o exemplo da sociedade incaica. Desta forma, o autor nos coloca a seguinte questão: “por que a *suyu* – aldeia ou povoado – incaica não se configura, da mesma forma, diante da *pacha* – terra, mundo?”⁵⁴

Para Mignolo⁵⁵ a resposta desta questão é a de que o núcleo *Pacha-suyu* – chamado de *runa* – que trata-se das pessoas, se define tanto em termos humanos (individuais e comunitários) quanto naquilo que o Ocidente colonial chama de “natureza”. Mais que isso, a *Pacha-suyu* se trata de um cosmopolitismo interdependente e em sincronia com a coletividade e o seu entorno⁵⁶. Diante disso, essas sociedades simplesmente não podem “buscar se impor sobre outras formas sociais nem sobre a ‘natureza’”⁵⁷

⁵⁰ Dávalos, Pablo. “El “Sumak Kawsay” o el “Buen vivir” y las cesuras del desarrollo”. *Alai, América Latina en Movimiento*. Quito, 06. may.2008. Disponível em: < <http://www.alainet.org/es/active/23920> >. Acesso: 23 jun. 2020.

⁵¹ Rodríguez, M. Resignificando la ciudad colonial y extractivista. In: *GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO* (Org.). Alternativas al capitalismo/colonialismo del siglo XXI. Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburg/Abya Yalla/Ediciones América Libre, 2013, p. 225-257.

⁵² Fraga, Eugenia. Ser, saber y poder en Walter Mignolo. Comunidades colonizadas y descolonización comunal. In: *Revista de la Carrera de Sociología*. V. 5. N. 5 (2015).

⁵³ Mignolo, W. The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. Durham, Duke University Press, 2011.

⁵⁴ Ibidem, p. 273.

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Ibidem, p. 273.

É a *ocidentalidade* branca colonial que perpetuou essa epistemologia dicotômica animais e natureza/humanos e que, com base na política das diferenças, como anunciou Walker⁵⁸, permitiu o nascimento do especismo enquanto forma de opressão.

No entanto, muitos povos originários da América Latina não tem uma cosmologia baseada no binarismo entre ser humano e natureza⁵⁹. Muitas culturas indígenas tendem a ver a natureza enquanto indissociável do ser humano. Logo, a relação dos seres humanos com os animais não humanos se configura de forma completamente diferente para esses povos e raças. Quem sabe, pautar um Veganismo baseado na ideia antiespecista, diante dessas múltiplas etnias, não seja uma estratégia interessante

Através do exercício da escuta – amplamente defendido pela Perspectiva dos Funcionamentos de Dias⁶⁰ -, o Veganismo poderia reconfigurar-se, e quem sabe, perder assim sua grande marca colonizatória. Talvez pudesse até mesmo para dialogar com pessoas específicas, sendo construído a partir delas, não configurando-se enquanto imposição.

Além disso, é importante marcar que o Veganismo enquanto fortalecedor da sociedade de consumo prejudica a cultura singular dos povos originários da América Latina. Ao tentar vender uma cultura ocidental branca, criar demandas e desejos universais que antes não existiam nessas comunidades, há uma tentativa de homogeneização cultural e, portanto, de epistemicídio^{61 62}. A cultura desses povos só é interessante para o sistema capitalista, diante do seu exotismo, se residir nela algum potencial mercadológico transformável em consumo. Neste sentido, este veganismo pode estar sendo conivente com uma estrutura que foca no aumento do consumo e no lucro, em detrimento do respeito e preservação a outras culturas, sociabilidades, organizações sociais, etc.

Analisemos, a seguir, o mito neoliberal de que o crescimento econômico levará a erradicação da pobreza e das desigualdades no continente latino-americano (e dos povos do Sul-Global, de forma geral). Segundo Almeida,

Na medida em que se tem por foco o desenvolvimento e crescimento econômico, o âmbito político no qual repousam as causas da exploração e das relações verticalizadas de poder continua mantido, perpetuando a situação de subalternidade. Para os povos indígenas esta tem sido representada no aumento expressivo das pressões pela desterritorialização e liberação de recursos naturais ao mercado internacional de commodities.⁶³

⁵⁸ Walker, Alice. *coming apart*. in: __. *you can't keep a good woman down*. San Diego: Harverst, 1979. p. 41-53

⁵⁹ Segato, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES (Online)*, v. 18, p. 1-5, 2012 <10.4000/eces.1533>.

⁶⁰ Dias, Maria Clara. *Perspectiva dos Funcionamentos*. Rio de Janeiro: Pirlampo, 2015.

⁶¹ Assassinato, erradicação, apagamento de toda uma epistemologia. Quijano, A. *Colonialidad y modernidad/racionalidade*. Perú Indígena, Lima, v.12 n.29, p.11-20, 1992.

⁶² Dávalos, Pablo. “El “Sumak Kawsay” o el “Buen vivir” y las cesuras del desarrollo”. *Alai, América Latina en Movimiento*. Quito, 06. may. 2008. Disponível em: < <http://www.alainet.org/es/active/23920> >. Acesso: 23 jun. 2020.

⁶³ Almeida, Alfredo Wagner B. de. Agroestratégias e Desterritorialização: os direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: Almeida, Alfredo W. B. de; Carvalho, Gustavo (Orgs.). *O Plano IIRSA na visão da Sociedade Civil Pan-Amazônica*. Belém: FASE: UFPA, 2009, p. 103.

Assim, ao manter como pauta de luta do Veganismo a maior disponibilidade de produtos veganos no mercado, tem-se um Movimento que contribui ao despejo/expulsão de povos originários de suas terras. Para além da violência extremamente racista, esse ato de expulsão gera destruição ambiental, com intuito de abrir espaço para dar origem a novas formas de produção desses produtos veganos por grandes corporações. Enfim, o “hamburger vegano”, pelo qual este tipo de Veganismo lutou, pode estar sendo responsável por uma enorme destruição ambiental, causando danos irreparáveis a vida animal selvagem. Tal atitude não poderia ser, portanto, reconhecida, minimamente, como anti-especista.

A colonialidade do poder estipula a relação ainda perpetuada entre a cultura europeia e as demais, sendo uma colonização que se estende ao imaginário daqueles povos que foram originalmente colonizados⁶⁴. Diante disso, o sistema, muitas vezes, passa a ser visto como a única realidade possível e, “as mazelas que traz consigo, um fardo inexorável”⁶⁵. Com isso as consequências

da retórica do desenvolvimento, “seu legado de destruição ambiental, degradação humana, violência social, colonização das consciências”, são vistas como naturais e inevitáveis.⁶⁶

Diante disso, se considerarmos que o Veganismo imposto também pode impedir que novos veganismos sejam vistos enquanto opção, temos um problema em que só haveria a sua recusa ou aceite como forma de luta engajada para redução do sofrimento, exploração ou instrumentalização de animais não humanos. Diante de uma possível noção de imutabilidade, os fardos a serem carregados por formar parte de um Veganismo tão marcado por opressões pode acabar sendo visto enquanto natural e inevitável, causando um *burnout ativista*⁶⁷ ou simplesmente, como citado anteriormente, a recusa da “proposta” *a priori*.

Assim, se retirarmos não apenas a marca colonizatória do Veganismo – atrelada a sua origem, marcas identitárias e vínculo à sociedade de consumo -, mas abrissemos a discussão vegana para os campos da ética e política, torna-se possível criar um conceito de veganismo que acompanha alguma ou mais de uma epistemologia indígena latino-americana: um veganismo antirracista, antiespecista por definição – já que provavelmente o maquinário especista nem existiria culturalmente, se não fosse a imposição colonial -, antiopressão e capaz de ultrapassar mundos que nosso próprio imaginário ocidental branco não permite sequer contemplar.

⁶⁴ Quijano, A. *Colonialidad y modernidad/racionalidade*. Perú Indígena, Lima, v.12 n.29, p.11-20, 1992.

⁶⁵ Dávalos, Pablo. “El “Sumak Kawsay” o el “Buen vivir” y las cesuras del desarrollo”. *Alai, América Latina en Movimiento*. Quito, 06. may. 2008. Disponível em: < <http://www.alainet.org/es/active/23920> >. Acesso: 23 jun. 2020.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 117.

⁶⁷ É o desgaste psicológico gerado pelo ativismo. RiseUp. 2020 Disponível em: https://we.riseup.net/saude_autonomia/sindrome-do-burnout-ativista Acesso em: 23 de set. 2020.

1.3.2. Negritude na América Latina, colonização e Veganismo

As discussões que relacionam o racismo direcionado a pessoas negras no Continente Americano e o Veganismo é mais conhecida, visto a propagação de propagandas racistas de amplo alcance como as da PETA (e outras organizações do Movimento Vegano) exemplificadas pela Imagem 2.

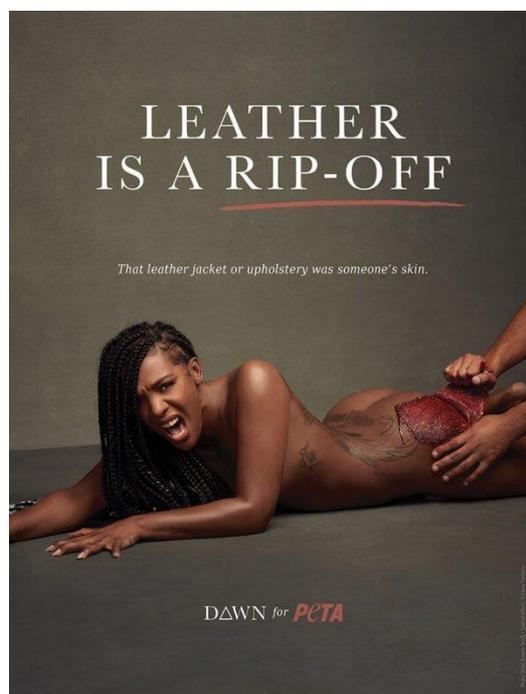


Imagem 2. Campanha da PETA “Couro é uma enganação”.⁶⁸

Diante do racismo presente no Veganismo que ainda domina o imaginário popular, grupos como o Movimento Afro Vegano aqui no Brasil e perfis como o da militante Thallita Xavier, Coletivo Dhuzati, Vegano Periférico⁶⁹, entre outros, tem aparecido como forma de combate. Ao fazer, na prática, esses veganismos antirracistas, nada elitizados, essas militantes demonstram a possibilidade de construir uma luta preocupada com os animais não humanos a partir de novos referenciais.

Por isso, torna-se uma obrigação teórica⁷⁰, realizar uma discussão ao redor da raça e do Veganismo, englobando os aspectos atrelados ao projeto colonizatório e ao feminismo decolonial, apontando a culpabilidade atrelada ao silenciamento e reprodução racistas perpetuadas até os dias de hoje, inclusive, dentro do Movimento Vegano.

⁶⁸ Peta. Disponível em: https://www.peta.org/media/psa/type/billboard/?category_name=skins. Acesso em: 19 ago. 2019.

⁶⁹ Essas pessoas/militantes podem ser encontradas, respectivamente, nos seguintes perfis de Instagram: @thallitaxavier; @dhuzati; e @veganoperiferico.

⁷⁰ Para mim, enquanto pessoa que reconhece os privilégios de minha branquidade.

O projeto colonial, através da racialização e gendriificação criou a hierarquização que permitiu a violência colonial, perdurando e sendo reeditada de variadas formas até os dias de hoje. A colonialidade do ser proposta inicialmente por Mignolo⁷¹, fazia referência à imposição de uma nova linguagem às populações escravizadas em território latino-americano. O autor afirmava que

as línguas não são apenas fenómenos ‘culturais’ em que as pessoas encontram a sua ‘identidade’; elas também são o lugar onde se inscreve o conhecimento. E, dado que as línguas não são algo que os seres humanos têm, mas algo de que os seres humanos são, a colonialidade do poder e a colonialidade do conhecimento engendraram a colonialidade do ser.⁷²

Assim, segundo Maldonado-Torres⁷³, e de acordo com o proposto por Mignolo⁷⁴, ao negar a possibilidade de que pessoas *racializadas* tivesse para si suas línguas próprias, a colonialidade do saber as destituía da própria humanidade. Tratava-se de uma animalização que justificou, juntamente com outros fatores, a escravização de povos afrodescendentes e indígenas nas Américas⁷⁵.

Ao se tratar de animalidade, é impossível não traçar um paralelo com a questão dos animais não humanos. Constantemente o Veganismo usa de comparações descuidadas das opressões racistas e *especistas* por intermédio do recurso da animalidade, porém sem necessariamente fazer menção ao mesmo. Desta forma, tem-se um Veganismo que reproduz os mesmos discursos colonizatórios e, por conseguinte, racistas, que oprimem pessoas negras (e indígenas) desde o período da colonização. Diante disso, parece óbvio que pessoas negras ou engajadas nos movimentos negros não queiram, de antemão, um envolvimento com ativistas que continuamente reproduzem essas violências⁷⁶.

Aph Ko⁷⁷ afirma que as tentativas de engajamento direcionada a pessoas negras por parte de ativistas Veganos (brancos ou não) através da lógica antiespecista e da compaixão, é a reprodução de uma ineficaz estratégia europeia de militância – e de fato, pode ser observado nos 37 volumes da revista da Sociedade Vegana do UK analisadas nesta dissertação. Ko⁷⁸ aponta a “compaixão” enquanto estratégia europeia de militância devido ao fato de que ela aponta aqueles não engajados na luta antiespecista como pessoas sem compaixão no que diz respeito à animalidade, quando, na verdade, no caso de pessoas negras, por exemplo, trata-se de pessoas com abundância de compaixão,

⁷¹ Mignolo, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

⁷² *Ibidem*, p. 603.

⁷³ Maldonado-Torres, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. *Modernidade, império e colonialidade. Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2017, 71-114.

⁷⁴ Mignolo, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

⁷⁵ Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *PRIMERO COLOQUIO LATINO-AMERICANO SOBRE PRAXIS E PENSAMIENTO FEMINISTA*. Anais... Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.

⁷⁶ Admite-se que o argumento por parte dos Veganos é de que não há nada ofensivo na comparação de humanos com animais não humanos e que sentir-se ofendido é, por fim, ser especista. Porém, esta interpretação carrega a marca colonizatória que vem sendo discutida até então e fala desde uma estratégia europeia.

⁷⁷ Ko, Aph. *Racism as Zoological Witchcraft: A Guide to Getting Out*. Herndon: Lantern Publishing & Media, 2019, p. 44.

⁷⁸ *Ibidem*.

uma vez que há experiência de opressões e animalidade sentida na própria pele. Apenas há, ali, uma dificuldade conceitual de transpor essa experiência animalizante ao caso dos animais não humanos.

A autora⁷⁹ segue afirmando que o recurso da “animalidade” pode ser, de fato, um solo fértil para discutir as opressões de humanos e animais não humanos, porém não com base em comparações realizadas por parte do Movimento Vegano.

Talvez, sugere Ko⁸⁰, o debate sobre “animalidade” possa adentrar os movimentos negros ou espaços de discussões raciais, substituindo assim a estratégia até então utilizada de tentar cooptar essas pessoas para o Movimento Vegano que carrega uma branquidade tóxica e colonizatória. Se fizesse isso, o Movimento Vegano se aproximaria da decolonização ao admitir que os movimentos antirracistas já têm capacidade de realização da discussão da opressão animal, sem a necessidade de ação de suas políticas intervencionistas.

Mulheres negras como Aph Ko, por exemplo, já estão fazendo um movimento de demonstrar que a supremacia branca trata as pessoas racializadas por intermédio da animalização e que, por isso, entender e agregar a pauta da luta conta a opressão animal faz sentido para aquelas pessoas que empreendem uma luta antirracista⁸¹.

Além disso, o racismo ambiental⁸² – citado em relação aos povos originários do Continente Americano – também afeta a população negra. Robert Bullard, um ativista ambiental negro estadunidense, destacou, no final do século XX, que a população mais afetada pelos dejetos industriais e da pecuária moderna era a população mais pobre e negra. Isso continua uma realidade até os dias de hoje, mesmo que tenham ocorrido lutas intensas por partes de ambientalistas negros para remediar os efeitos negativos dessas injustiças ambientais⁸³.

Dado que um dos discursos mais usados por Veganos é o argumento antipoluição diante da geração e despejo dos dejetos da pecuária – que poderiam ser impedidos com a adoção do Veganismo – que causam danos irreparáveis ao meio ambiente, como é o caso do documentário *Cowspiracy*, falar sobre racismo ambiental deveria ser algo bastante intuitivo. Se o Veganismo não carregasse uma marca de raça e não reproduzisse racismo constantemente em seus discursos e imagem, o racismo ambiental que acomete a população negra poderia, inclusive, ser um ponto em comum de luta. Um

⁷⁹ Ibidem.

⁸⁰ Ibidem, p. 45.

⁸¹ Ibidem, p. 46.

⁸² Para leitura mais aprofundada, ler “*Environment and Morality: Confronting Environmental Racism in the United States*” de Robert D. Bullard (2000), disponível em: [https://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/\(httpAuxPages\)/543B2B250E64745280256B6D005788F7/\\$file/bullard.pdf](https://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/(httpAuxPages)/543B2B250E64745280256B6D005788F7/$file/bullard.pdf) Acesso em: 23 de set. 2020.

⁸³ “Mecanismo pelo qual sociedades desiguais destinam a maior carga dos danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, grupos raciais discriminados, populações marginalizadas e mais vulneráveis” Herculano, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. In: *InterfacEHS*. V. 3. N. 1. Artigo 2, jan./abr. 2008, p. 2.

Veganismo que não fala sobre racismo ambiental, contudo, é um Veganismo também racista por omissão.

No entanto, nem todas as pessoas negras são acometidas pelas mesmas opressões. No caso das mulheres negras, como argumenta Bairros⁸⁴, esta categoria é construída a partir da experiência de ser negro (vivida “através” do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça). O mesmo acontece para as mulheres indígenas, também racializadas. Assim, na próxima seção, que tratará sobre gênero e sexualidade, falaremos também sobre raça, afinal, trata-se de fatores indissociáveis, muito mais no contexto da discussão do feminismo e projeto decoloniais e Veganismo.

1.4. Gênero⁸⁵, Orientação Sexual e Veganismo

Carol Adams⁸⁶ apresenta a política racial da carne como duas crenças relacionadas ao racismo que são mantidas diante do mundo ocidental branco quando se trata da questão do consumo da carne. A “primeira é a de que, se o suprimento de carne é limitado, os brancos devem ficar com ele; [a segunda é a de que] se há abundância, todos devem comê-la”⁸⁷. Assim, para a autora, a hierarquia do consumo da carne reforça a hierarquia raça, classe e gênero.

Porém, segundo tudo o tratado nesta dissertação, eu iria para além de Adams e diria que tanto o consumo, quanto o não consumo de produtos de origem animal, no mundo contemporâneo, tem o poder de reeditar e manter a hierarquia entre raça, classe e gênero. Diante de um Veganismo classista, racista e sexista – conforme demonstrado em estudos de caso e no desenvolvimento desta dissertação -, não é possível ver uma fissura entre o Veganismo *mainstream* e as hierarquias sociais citadas. Isto porque não existe um comprometimento ético-político do Movimento Vegano que exija uma luta antiespecista antiopressão.

Assim, diante do Veganismo, as mulheres e dissidências sexuais possuem um lugar secundarizado, mesmo compondo significativa parte do Movimento. Secundarizado no sentido de que (1) há a reprodução constante de machismo nos meios, propagandas e veículos de divulgação Veganos; (2) os autores, militantes e lideranças mais difundidas correspondem a homens cis-heterossexuais brancos⁸⁸; (3) as mulheres, quando recebem destaque, raramente são de mulheres negras, indígenas, lésbicas ou transsexuais⁸⁹.

⁸⁴ Bairros, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (org). Revista Estudos Feministas, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995.

⁸⁵ Incluindo identidade de gênero.

⁸⁶ Adams, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. São Paulo: Alaúde, 2012.

⁸⁷ Ibidem, p. 64.

⁸⁸ Seiter. *On Veganism and Consumerism*. Editoração independente. Estados Unidos, 2014.

⁸⁹ Kruger, Sasha. “The Technopo(e)litics: (de)Colonial Aesthetics and Spatial Narrations in the DigiFemme Age”. In: *Ada*. N.11, 2017.

A discussão acerca da Política Sexual da Carne e do carnofalocentrismo foram desenvolvidas durante o *Estudo de Caso PETA*. No entanto, a questão do machismo devido a objetificação dos corpos das mulheres – de maneira desigual, a depender de raça, orientação sexual e identidade de gênero – nos meios, propagandas e veículos de divulgação Veganos, transpassa essas duas questões.

Lourenço⁹⁰, utiliza o termo objetificação, que “consiste em analisar alguém no nível de um objeto, sem considerar seus atributos emocionais e psicológicos” para se referir aos corpos das mulheres no Capitalismo. Constantemente as estratégias das propagandas e filmes é a de focar em algum atributo físico da mulher e retirar o apelo emocional vinculado à mesma.

É importante marcar que, no caso das mulheres negras, a objetificação e hiperssexualização de seus corpos acontece e se articula de forma intensificada e diferencial. Segundo Daflon⁹¹ a representação das mulheres negras nas propagandas e filmes é sempre como um símbolo sexual insaciável, porém ao qual não é creditado a possibilidade de qualquer tipo de afeto⁹². Trata-se, então

de um tipo de preconceito racial que inscreve no corpo marcas de inferioridade, nesse caso, a não aptidão a relações mais profundas. É esta faceta dos estereótipos que pretendemos observar: em síntese, buscamos examinar a regularidade de representações que confinam as mulheres a posições singulares de alteridade em relações sociais diversas.⁹³

No caso do Veganismo, esta estratégia parece extremamente curiosa. Ao mesmo tempo em que se apela ao emocional dos animais não humanos, retira-se das mulheres qualquer resquício de emoção para fins de recurso de *marketing*. É como se, de fato, operasse novamente a lógica trabalhada no *Estudo de Caso PETA*, em que lança-se mão da opressão contra animais não humanos, sem necessitar desapegar-se dos aspectos que giram ao redor da masculinidade. Afinal, masculinidade se traduz em poder - e em Política Sexual da Carne (feminilizando animais e animalizando mulheres).

E é nesse contexto em que a colonialidade do saber se manifesta dentro do Veganismo. Ao apresentar um contingente significativo de mulheres Veganas, inclusive que protagonizam as propagandas e campanhas midiáticas, não seria surpreendente saber que a maiorias dos autores e lideranças no Movimento Vegano corresponde a homens cis-heterossexuais brancos⁹⁴.

No entanto, manter o (quase) monopólio sobre o que se produz e sobre as narrativas desenvolvidas confere aos homens a manutenção de um *status quo* e a ilusão de uma causa própria. Diante de um cenário pós década de 60, em que as políticas e lutas identitárias começaram a se desenvolver

⁹⁰ Lourenço, Ana C. S.; Artemenko, N. P.; Bragaglia, A. P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Vila Velha (ES) - 22 a 24 maio 2014*, p. 5.

⁹¹ Daflon, Verônica Toste. *Tão longe, tão perto: pretos epardos e o enigma racial brasileiro*. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Sociologia) –Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

⁹² Feres Júnior, João. Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 163-176, 2006.

⁹³ Candido, Marcia Rangel; Feres Júnior, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, vol. 27, núm. 2, 2019, p. 3.

⁹⁴ Seiter. *On Veganism and Consumerism*. Editoração independente. Estados Unidos, 2014.

ao redor dos movimentos sociais, muitos homens que ocupam um lugar de plena hegemonia se sentiram encurralados por sentir que perderam o direito de dizer o que querem, sem receber críticas por parte de minorias políticas⁹⁵. Assim, o Veganismo tornou-se um dos refúgios do qual dificilmente sairão voluntariamente, pois trata-se de um espaço em que as vítimas da opressão não podem acusá-los diretamente de injustiças discursivas.

Porém, mantendo o monopólio do saber, ou, como Shiva sugeriria, a monocultura do pensamento⁹⁶, o Veganismo mantém a marca colonizatória e perde a possibilidade de crescer rumo a um caminho mais ético-político que uma mulher feminista, principalmente se subalternizada, poderia, potencialmente, trilhar – como muitas vem tentando fazer, porém sem o mesmo IBOPE que Gary Yourofsky.

Não obstante, com o advento da quarta onda do feminismo materializada com protagonismo latino-americano e caribenho⁹⁷, algumas mulheres reivindicaram e ocuparam espaços dentro do Veganismo: tanto como CEOs de grandes organizações, como transformando-se em referências teóricas e de militância – mesmo ainda representando minoria numérica e política. Esse fato é um avanço, mesmo que insuficiente e não representativo de uma mudança estrutural no Movimento Vegano, uma vez que as mulheres que alcançaram esses papéis são predominantemente brancas e *cisheterossexuais*.

O feminismo decolonial, como diz Mohanty⁹⁸, traz a noção de que nem todas as mulheres do terceiro mundo são iguais. Desta forma, para que uma mulher branca e *cisheterossexual* alcance destaque dentro do Veganismo é necessário muito menos esforço devido aos seus privilégios derivados da *cisheteronormatividade* e branquidade. Esses privilégios variam entre: um maior poder de compra, em geral, dado que trata-se de uma proposta ainda atrelada a sociedade de consumo; ter um corpo considerado mais digno de afeto e respeito - lésbicas, bissexuais, trans e mulheres racializadas não são dignas de afeto e são constantemente fetichizadas, não obtendo respeito intelectual; ter maior facilidade de acesso a espaços aos quais as demais subalternidades não têm, como universidades, empregos formais etc.

⁹⁵ Preciado, P. B. *Un apartamento en urano: Crónicas del cruce*. Editorial Anagrama; 1ª Edição, 2019.

⁹⁶ Para Shiva, o sistema do saber colonial e manifesta enquanto sistema do poder. Assim, lançando mão de um vasto material histórico, sociológico e estatístico, a pesquisadora analisa minuciosamente as dramáticas transformações estruturais que operam no mundo contemporâneo. O destaque especial cabe ao modelo monocultural de desenvolvimento que vem dominando - gradual, mas irreversivelmente – tanto a esfera de produção em escala global, quanto o próprio pensamento humano. Para leituras mais aprofundadas, buscar Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Shiva, V. 2003, Ed. Gaia, São Paulo.

⁹⁷ Cochrane. Kira. The fourth wave of feminism: meet the rebel women. In: *The Guardian*, 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women>>. Acesso em: 23 set. 2020.

⁹⁸ Mohanty, Chandra Talpade. *Feminism without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham & London: Duke. University Press, 2003.

Assim, torna-se um dever político de todas as identidades/sujeitos privilegiados, inclusive das mulheres hegemônicas, que alcançam esses lugares no Veganismo trazer para dentro dele concepções éticas e políticas que desafiem a estrutura por dentro⁹⁹, abrindo espaço para entrada de todas as demais subalternidades, que já produzem conteúdos sobre o tema, construirão novos veganismos a serem difundidos em maiores escalas.

Conclusão

Tratar sobre a opressão que recai sobre os animais não humanos é um tema urgente, afinal, a cada ano são assassinados cruelmente pelo sistema corporativista agropecuário: 66,5 bilhões de galinhas, 3 bilhões de patos, 1,48 bilhão de porcos, 304 milhões de vacas, 567 milhões de ovelhas, 464 milhões de cabras¹⁰⁰ e entre 800 bilhões e 3,4 trilhões de peixes por ano para alimentar os seres humanos. Se adotarmos a Perspectiva dos Funcionamentos de Dias¹⁰¹, seremos obrigados a admitir que todos estes seres são sistemas funcionais particulares, que possuem subjetividades passíveis de serem escutadas e, como não poderia deixar de ser, o direito de implementar seus funcionamentos básicos e almejar sua plena realização.

É, portanto, urgente que discutamos sobre o Veganismo. O Veganismo nasceu em 1944, conceituado por Donald Watson e construído fenomenologicamente pela Sociedade Vegana do UK nos anos seguintes, não se compromete com uma postura ética antiespecista. Sim, havia uma empatia com a causa dos animais não humanos. Porém, a centralidade do Veganismo nasceu no coração da Inglaterra não eram esses seres brutalmente assassinados, mas a saúde e a alimentação de uma parcela muito particular da população.

Quando observamos os agentes envolvidos na construção desse Veganismo, deparamo-nos com uma identidade bastante homogeneizada: homens e mulheres brancas, não muito jovens, de classe média ou alta, de religião cristã. A homogeneidade quanto aos membros e os narradores faz diferença no que diz respeito a mensagem emitida, aos valores construídos e a quem era captado ou não para fazer parte do Movimento Vegano.

Pois bem, o Veganismo poderia ter sofrido diversas mudanças ao longo do tempo, desde sua conceituação em 1944. No entanto, propagandas de alcance mundial, exemplos como a política heroica colonizatória e o próprio caso da estrutura racista da *PETA*, demonstram que não houve mudanças radicais do Veganismo, desde sua origem, enquanto prática. Girando ao redor da sociedade de

⁹⁹ Cano, Virginia. *Ética tortillera. Ensayos en torno al êthos y la lengua de las amantes*, Madreselva, Buenos Aires, 2017. 128 pp

¹⁰⁰ OMS. La FAO y la OMS presentan un informe de expertos sobre dieta, nutrición y prevención de enfermedades crónicas. In: WHO, 2003. Disponível em: < <https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr32/es/>>. Acesso em: 23 set. 2020.

¹⁰¹ Dias, Maria Clara. *Perspectiva dos Funcionamentos*. Rio de Janeiro: Pirilampo, 2015.

consumo e da cooptação de um novo nicho de mercado, para o qual criam-se constantemente novas demandas e desejos, estamos diante de um Veganismo que funciona perfeitamente bem na Sociedade Capitalista.

Isto porque o Movimento Vegano, ainda desprovido de uma base ética-política, focado na alimentação, saúde e compaixão com animais não humanos, não rompe com a estrutura do Capitalismo, que pretende o crescimento do consumo e o lucro. Diante de um Veganismo bastante acrítico, o Capitalismo continua a agir de forma a oprimir todas as minorias políticas – inclusive animais não humanos e o meio ambiente – com o aval de Veganos, comprometidos meramente com um novo modelo estético de consumo, mantenedores do status quo.

É diante dessa lógica capitalista e perpetuadora de opressões e hierarquias sociais que podemos concluir que o Veganismo nada antiopressão - e por vezes até especista/ antropocêntrico, considerando suas origens e protagonistas (sejam eles os iniciais ou atuais, assim como suas preocupações e sua manifestação fenomenológica enquanto parte funcional do Capitalismo - possui raça, que é branca; gênero e sexualidade, que é cis-heteronormativo e masculinista; uma classe, que é alta ou média; e uma marca colonizatória – dado sua origem e falta de mudanças desde então.

Desta forma, é necessária a realização de críticas ao Veganismo que permitam seu redirecionamento a novos conceitos de veganismos – capazes de acompanhar as práticas em curso – que adotam a ética, política e o posicionamento antiopressão como bases. As críticas decoloniais sugeridas tanto pelos feminismos, como pelo projeto decolonial como um todo, parecem interessantes ferramentas no caso de um Veganismo com marcas colonizatórias tão expressivas.

Incluindo críticas ao redor da raça, gênero, orientação e identidade de gênero providas pelo feminismo e projeto decoloniais, a possibilidade de vislumbrar novos caminhos de construção epistemológica se torna mais próxima. O exercício da escuta e de abrir mão do protagonismo talvez sejam atividades de destaque no processo necessário de des-maiúsculizar o Veganismo em veganismos plúrais, múltiplos, justos e éticos. veganismos estes que já existem na prática realizada por pessoas subalternizadas, sejam elas pessoas negras, mulheres lésbicas, trans, pobres, com deficiência entre outras ou todas elas juntas. Que sejam veganismos advindos do Sul, de baixo pra cima, das margens pro centro, capazes de subverter o poder Capitalista para, por fim, alcançarmos a libertação dos animais não humanos e humanos.

Referências

Adams, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. São Paulo: Alaúde, 2012.

- Almeida, Alfredo Wagner B. de. Agroestratégias e Desterritorialização: os direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios. In: Almeida, Alfredo W. B. de; Carvalho, Gustavo (Orgs.). *O Plano IIRSA na visão da Sociedade Civil Pan-Amazônica*. Belém: FASE: UFPA, 2009, p. 103.
- Arundhati Roy. *The Doctor and the Saint: Caste, Race, and Annihilation of Caste, the Debate Between B.R. Ambedkar and M.K. Gandhi*. Haymarket Books, 2017.
- Bairros, Luíza. Nossos Feminismos Revisitados. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (org). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995.
- Bauer, M.W. *Análise De Conteúdo*. In Gaskel, G.; Bauer, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Bonetti, Carmo. Políticas sexuais da carne. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 395-412, janeiro-abril/2013
- Bullard, Robert D. *Environment and Morality: Confronting Environmental Racism in the United States*. Genebra: UNRISD, 2004. Disponível em: <[https://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/\(httpAuxPages\)/543B2B250E64745280256B6D005788F7/\\$file/bullard.pdf](https://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/(httpAuxPages)/543B2B250E64745280256B6D005788F7/$file/bullard.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Bullard. *World Dialogue: Winter 2002: The Fragile Biosphere*. In: Theodolou, P. *Confronting Environmental Racism in the Twenty-First Century*. [S.l.: s.n.], 2002. cap. 4º, p. 113-121. v. 4. Disponível em: <<http://www.worlddialogue.org/issue.php?id=19>>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- Cabello, Andrea Felipe; Pova, Luciano Martins Costa. *Análise econômica da primeira Lei de Patentes brasileira*. *Estud. Econ.* [online]. 2016, vol.46.
- Candido, Marcia Rangel; Ferres Júnior, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 27(2): e54549 DOI: 10.1590/1806-9584-2019 v. 27 n. 25454.
- Cano, Virginia. *Ética tortillera. Ensayos en torno al êthos y la lengua de las amantes*, Madreselva, Buenos Aires, 2017. 128 pp
- Chaney, D. *Estilos de vida*. Barcelona: Talasa, 1996.
- Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón. Prólogo: giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: Castro-Gomez, Santiago; Gosfoguel, Ramón (comp). *El Giro Decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007.
- Cochrane. Kira. The fourth wave of feminism: meet the rebel women. In: *The Guardian*, 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Colaço, Thais Luzia; Damázio, Eloise da Silveira. (org.) *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial*. Volume IV. Coleção Pensando o Direito no Século XXI. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99625>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Crenshaw. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em Acesso em: 18 mar. 2020.
- Curiel, Ochy. “Decolonizando o feminismo: uma perspectiva desde a América Latina e o Caribe”. *Primeiro Coloquio Latino-Americano sobre Praxia e pensamento feminista*. Anais. Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). 2018.
- Dalziell; Wadiwell. Live exports, animal advocacy, race and ‘animal nationalism’. Cap 4, p73. In *Meat culture*. Org annie potts. 2016.

- Dávalos, Pablo. “El “Sumak Kawsay” o el “Buen vivir” y las cesuras del desarrollo”. Alai, América Latina en Movimiento. Quito, 06. may. 2008. Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/active/23920>>. Acesso: 23 jun. 2020.
- Daflon, Verônica Toste. Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Sociologia) –Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- Destination UK. Página inicial. 2008. In BBC. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/in_depth/uk/2001/destination_uk/default.stm>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Dias, Maria Clara. Perspectiva dos Funcionamentos. Rio de Janeiro: Pirlampo, 2015.
- Dias, Maria Clara; Soares, Suane; Gonçalves, Letícia. A perspectiva dos funcionamentos: entroncamentos entre o ecofeminismo e decolonialidades. In: Rosendo, Daniela. et. al. Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais. Rio de Janeiro: Ape’ku Editora, 2018.
- Duran, A. Ambiente alimentar urbano em São Paulo, Brasil: avaliação, desigualdades e associação com consumo alimentar. São Paulo, SP: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2013.
- Dussel, Enrique. “Six Theses toward a critique of political reason: The citizen as political agent of justice in the community”. *Radical Philosophy Review* (Boston) Vol.2, 2. 1999.
- Earley. For what we received. In: Knight, Katherine. *Spuds, Spam and Eating for Victory*. Grã Bretanha: The History Press, 1992
- Espinosa-Miñoso, Yuderky; Gomez, Diana; Lugones, María; Ochoa, Karina. Reflexiones Pedagógicas en torno al Feminismo Decolonial: una conversa en cuatro voces. En Walsh, Catherine. (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Quito - Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.
- Federici, Silvia. *O Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.
- Feres Júnior, João. Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 163-176, 2006.
- Ferreira, G. G. T. Desejo é devir: um olhar sobre a condição do indivíduo consumidor na perspectiva do capitalismo rizomático. *Revista Espaço Acadêmico*, 16(187), 13-22. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/34407>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Fraga. Eugenia. Ser, saber y poder en Walter Mignolo. Comunidades colonizadas y descolonización comunal. In: *Revista de la Carrera de Sociología*. V. 5. N. 5 (2015).
- Green, Chad. “Total Liberation: A Call for Direct Action, Radical Veganism, and Anarchy.” *Vegan Warfare*. 13 May 2013. *Vegan Warfare*. Web. 21 Dec. 2014.
- Guthman. *Weighing In: Obesity, Food Justice and the Limits of Capitalism*. USA Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2012
- Herculano, Selene. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. In: *InterfacEHS*. V. 3. N. 1. Artigo 2, jan./abr. 2008.
- Ko, Aph. *Racism as Zoological Witchcraft: A Guide to Getting Out*. Herndon: Lantern Publishing & Media, 2019.
- Ko, Aph; Ko, Syl. *Aphro-ism: Essays on Pop Culture, Feminism, and Black Veganism from Two Sisters*. Lantern Publishing & Media, 2017

- Kruger, Sasha. “The Technopo(e)litics: (de)Colonial Aesthetics and Spatial Narrations in the DigiFemme Age”. In: *Ada*. N.11, 2017.
- Lacerda, Rosane Freire; Feitosa, Saulo Ferreira. Bem Viver: Projeto U-tópico e De-colonial. In: *Revista Interterritórios*. V. 1. N. 1. (2015).
- Lander. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latino-americanas*. Caracas: Clacso, 2000. p. 201-245.
- Lessa; Camargo. Uma teoria feminista-vegana: a política sexual da carne: resenha crítica. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(1): 361-391, janeiro-abril/2014.
- Lourenço, Ana C. S.; Artemenko, N. P.; Bragaglia, A. P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Vila Velha (ES) - 22 a 24 maio 2014*.
- Lugones, María. Colonialidad y género. 76. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9 2008.
- Maldonado-Torres, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. *Modernidade, império e colonialidade. Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80 | 2017, p. 71-114.
- Marco Weissheimer. Todas as opressões estão conectadas. Veganismo é uma extensão lógica da luta anti-opressão. In: *Sul21*, 2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/04/todas-as-opressoes-estao-conectadas-veganismo-e-uma-extensao-logica-da-luta-anti-opressao/>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Mignolo, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.
- Mignolo, W. *The darker side of western modernity: global futures, decolonial options*. Durham, Duke University Press, 2011.
- Mohanty, Chandra Talpade. *Feminism without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Durham & London: Duke. University Press, 2003.
- OMS. La FAO y la OMS presentan un informe de expertos sobre dieta, nutrición y prevención de enfermedades crónicas. In: WHO, 2003. Disponível em: <<https://www.who.int/mediacentre/news/releases/2003/pr32/es/>>. Acesso em: 23 set. 2020.
- Peres, Milena C. C.; Soares, Suane Felipe; Dias, Maria Clara. *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.
- Pinto, Taiane Cristine Linhares. *Consumo, resistência e subjetividade: narrativas sobre o veganismo em uma comunidade virtual*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2011.
- Piza; Pansarelli. Sobre a descolonização do conhecimento – a invenção de outras epistemologias. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 43, 25-35, 2012, ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078.
- Preciado, P. B. *Un apartamento en urano: Crónicas del cruce*. Editorial Anagrama; 1ª Edição, 2019.
- Quijano, A. *Colonialidad y modernidad/racionalidade*. *Perú Indígena*, Lima, v.12 n.29, p.11-20, 1992.
- Quijano, Aníbal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* In: Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO/UNESCO, 2000.
- Rise Up. É o desgaste psicológico gerado pelo ativismo. *RiseUp*. 2020 Disponível em: https://we.riseup.net/saude_autonomia/sindrome-do-burnout-ativista Acesso em: 23 de set. 2020.

- Rodríguez, M. Resignificando la ciudad colonial y extractivista. In: GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO (Org.). *Alternativas al capitalismo/colonialismo del siglo XXI*. Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburg/Abya Yalla/Ediciones América Libre, 2013, p. 225-257.
- Saffioti, H. *A mulher na sociedade de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2013
- Santos. Mas COMO toda opressão está conectada? Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.
- Segato, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES (Online)*, v. 18, p. 1-5, 2012 <10.4000/eces.1533>.
- Seiter. *On Veganism and Consumerism*. Editoração independente. Estados Unidos, 2014.
- Shiva, V. *Ecofeminism*. Zed Books: United States, 2000.
- Shiva, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- Tolonikova, Nadya. *Um guia pussy riot para o ativismo*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- Walker, Alice. coming apart. in: __. you can't keep a good woman down. San Diego: Harverst, 1979. p. 41-53

SITES

- Anonymous For The Voiceless. Página Inicial. Disponível Em: < [Https://Www.Anonymousforthevoiceless.Org/](https://www.anonymousforthevoiceless.org/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Dhuzati Antiespecista. Instagram. Disponível Em: < [Https://Www.Instagram.Com/Dhuzati/](https://www.instagram.com/dhuzati/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Geledés. Racismo. Disponível Em: <[Https://Www.Geledes.Org.Br/Tag/Racismo/](https://www.geledes.org.br/tag/racismo/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Movimento Afro Vegano. Facebook, 2020. Disponível Em: < [Https://Www.Facebook.Com/Movimentoafrovegano/](https://www.facebook.com/movimentoafrovegano/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Peta. Página Inicial, 2018. Disponível Em: <[Https://Www.Peta.Org/](https://www.peta.org/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Thallita Flor. Instagram. Disponível Em: < [Https://Www.Instagram.Com/Thallitaxavier/](https://www.instagram.com/thallitaxavier/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Vegano Da Periferia. Instagram. Disponível Em: < [Https://Www.Instagram.Com/Veganoperiferico/](https://www.instagram.com/veganoperiferico/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.
- Vegano Periférico. Facebook, 2019. Disponível Em: <[Https://Www.Facebook.Com/Veganoperiferico/](https://www.facebook.com/veganoperiferico/)>. Acesso Em: 23 Set. 2020.